

O mercado de trabalho e a dança: um olhar sobre os relatos de professores/bailarinos homossexuais

Diego Ebling do Nascimento

digue_esef@yahoo.com.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Mariângela da Rosa Afonso

cafonso@terra.com.br

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo verificar a percepção dos professores de dança homossexuais sobre o mercado da dança. A referência metodológica foi pautada na perspectiva qualitativa e o procedimento adotado foi o estudo de casos múltiplos. A pesquisa foi realizada através de entrevistas temáticas semiestruturadas. Os entrevistados foram quatro professores/bailarinos. Para tratar os dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo. Embasado nas falas dos entrevistados, podemos perceber que, mesmo com algumas dificuldades estabelecidas pelo mercado de trabalho, eles se sentem realizados profissionalmente.

Palavras-chave: carreira docente; arte; gênero.

Abstract: The present research aims to verify the interviewees' perception on the dancing labor market. The methodological reference being used was qualitative wise and a multiple-case study was the adopted procedure. The research was made through thematic semi-structured interviews. The sample was comprised of four professional dancers/teachers. In order to process the data, the content analysis technique was used. Based upon the interviewees' statements we can see that even with some difficulties are present, it is noticeable that they feel professionally fulfilled.

Keywords: teaching career; art; gender.

Introdução

Em qualquer profissão, para garantir o sustento, é necessário remuneração. Para o artista não é diferente, mas, em parte dos casos, a produção artística é vivenciada como forma paralela de trabalho e não como meio principal de ganho. É comum os artistas viverem de cachês, *freelancings*, trabalhos referentes a aprovações de editais sem qualquer vínculo que lhe garanta estabilidade.

Poucos são os artistas que conseguem vencer as barreiras do mercado de trabalho e viver exclusivamente de sua arte (ALMEIDA, 2009). Porém, percebemos alguns avanços em relação às profissões artísticas. Um deles é lembrado pelas autoras Strazzacappa e Morandi (2007), ao destacarem que, em 1971 foi estabelecida a obrigatoriedade do ensino de artes na educação básica. Mas a Reforma do Ensino

Superior Brasileiro¹ havia imposto restrições à habilitação de estudantes formados em conservatórios para o exercício da docência em música. Então, a universidade se torna o acesso institucional à formação de artistas que visam à carreira docente.

Tempos depois, em 1996, a legislação se preocupou ainda mais em especificar o ensino das diversas subáreas das artes, obrigando a presença no ensino básico das diferentes linguagens artísticas. Além da música, agora também são lembradas as artes visuais, o teatro e as danças² (STRAZZACAPPA e MORANDI, 2007).

Outro avanço relacionado ao mercado de trabalho no meio artístico é a Lei nº 6.533/78, responsável pelo exercício das profissões de artistas e de técnicos em espetáculos de diversões³. Esta Lei entende o artista como o profissional que “cria, interpreta ou executa obra de caráter cultural de qualquer natureza para efeito de exibição ou divulgação pública, através de meios de comunicação de massa ou em locais onde se realizam espetáculos de diversões públicas (p.1)”, e o técnico em espetáculos de diversões, como o profissional que “mesmo em caráter auxiliar, participa, individualmente ou em grupo, de atividade profissional ligada diretamente à elaboração, registro, apresentação ou conservação de programas, espetáculos e produções (p. 1)”.

Para o registro, é necessário ao artista apresentar:

Diploma de curso superior de Diretor de Teatro, Coreógrafo, Professor de Arte Dramática ou outros cursos semelhantes, reconhecidos na forma da Lei; ou diploma ou certificado correspondentes às habilitações profissionais de 2º Grau de Ator, Contrarregra, Cenotécnico, Sonoplasta, ou outras semelhantes, reconhecidas na forma da Lei; ou atestado de capacitação profissional fornecido pelo Sindicato representativo das categorias profissionais e, subsidiariamente, pela Federação respectiva. (CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES p. 1 e 2).

Para a Classificação Brasileira de Ocupações, composta pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o artista de dança “concebe e concretiza projetos cênicos em dança, realizando montagens de obras coreográficas; executa apresentações

¹ A Reforma do Ensino Superior Brasileiro foi realizada em 1968, por meio da Lei 5.540 (BRASIL, 1968).

² De acordo com a Lei n. 9394/1996: “Art.26, §2º O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

³ Há o Sindicato de Artistas e Técnicos de Espetáculos de Diversões (SATIED).

públicas de dança e, para tanto, prepara o corpo, pesquisa movimentos, gestos, dança e ensaia coreografias” (s/p). E, ainda, finaliza dizendo que os artistas de dança podem ensinar dança.

Monique (2011) contribui nos dizendo que, embora o mercado de trabalho tenha crescido para os profissionais que atuam com a dança nas últimas décadas, ainda há um longo percurso para que o mesmo não somente continue a se expandir, mas que também propicie condições de sustento oferecendo salários dignos aos profissionais.

Este estudo é parte de minha pesquisa de mestrado em Educação Física, que foi realizada na Universidade Federal de Pelotas e tem como objetivo verificar a percepção dos professores de dança homossexuais sobre o mercado da dança.

Caminhos metodológicos

Este trabalho é baseado na perspectiva qualitativa, ou seja, trabalha com o universo de significados, dados subjetivos, motivações, crenças, aspirações, valores, opiniões, atitudes, fenômenos e hábitos, o que compreende um espaço mais profundo nas relações dos processos e dos fenômenos (MINAYO, 2003; GIL, 2002 e TRIVIÑOS, 2007).

O presente estudo se caracteriza, quanto aos objetivos, como uma pesquisa descritiva (GIL, 2002; TRIVIÑOS, 2007). O elenco deste estudo é formado por quatro homens que cursaram ou cursam Educação Física, trabalham com dança e atualmente se assumem como homossexuais. Por nossas histórias serem tão próximas, os entrevistados foram escolhidos de forma intencional, e só foi possível chegar até eles através da indicação de amigos e garimpando as histórias que permeiam o cenário da dança em Pelotas e Porto Alegre.

Como a proposta da pesquisa não se limita a um único caso, mas a um conjunto de professores de dança/bailarinos pré-selecionados, o procedimento adotado para coleta de dados foi o estudo de casos múltiplos. Para Yin (2010), estes estudos podem indicar o grau de generalização de proposições. Desta forma, foi utilizada a abordagem de replicação indicada por este autor.

O trabalho foi realizado através de entrevistas temáticas⁴ semiestruturadas. Segundo Triviños (2007), esta escolha permite ao pesquisador ampliar seu leque de questões na medida em que o estudo apresenta novas demandas e, ainda, possibilita que o entrevistador faça questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa. Também, que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se percebem as respostas dos informantes. Ou seja, na entrevista semiestruturada há uma valorização do investigador, pois ela oferece a liberdade necessária para o entrevistado se sentir à vontade, agir com espontaneidade e, ainda, permite surgir questões inesperadas ao entrevistador, as quais poderão ser de grande utilidade para a pesquisa, enriquecendo a investigação.

As entrevistas foram realizadas, individualmente, gravadas e transcritas de maneira integral. Também é importante salientar que foram feitos alguns ajustes no texto transcrito. Utilizamos o que Gattaz (1996) chama de transcrição. O autor sugere a necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura.

Para tratar os dados, utilizamos como metodologia a análise de conteúdo. Segundo Bardin (2000), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas organizado por meio das seguintes fases: pré-análise (organização dos documentos); exploração do material (administração sistemática das decisões tomadas); e, finalmente, o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação (os resultados são tratados de maneira a serem significativos e válidos).

No próximo tópico serão apresentados os cruzamentos dos dados que deram subsídios para esta pesquisa. É importante ressaltar que a análise parte das minhas experiências, pois, nas respostas que obtive dos entrevistados, percebi uma relação de proximidade da minha história de vida com a deles, conferindo-me propriedade para tratar desta temática. Ainda assim, tomamos cuidado para manter um

⁴ De acordo com Delgado (2010, p. 22), as entrevistas temáticas se referem à experiência ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados.

distanciamento, sem a intenção de empregar juízo de valor em algum momento da análise das entrevistas, o que poderia influenciar nos dados obtidos.

Trajetórias profissionais: desafios e conquistas

Os quatro profissionais que fizeram parte deste estudo foram Carlos, Taylor, Ted e Jack⁵. Carlos iniciou os estudos em danças de salão no ano de 1999, em Porto Alegre. Atualmente, é professor de dança nos estilos jazz e dança de salão e está cursando Educação física. Taylor é administrador, professor, coreógrafo, bailarino e diretor de um centro de arte na capital. Ted tem experiência com dança em escolas, grupos e academias. É coreógrafo e professor assistente do curso de dança do Centro de Arte da UFPel⁶. Jack é bailarino profissional, registrado no SATED e diretor do Centro de Arte de Porto Alegre.

O mercado de trabalho para Carlos

A preocupação do pai de Carlos, no início, era com o futuro profissional do filho, com as questões financeiras. Ele relata que seu pai falava dos baixos salários dos professores.

Carlos começou muito cedo a lecionar dança. Ele contou que, com treze anos, ministrou a primeira aula, na mesma escola que começou a fazer aulas de dança. Sua professora teve que viajar e, como ele era bolsista, assumiu as turmas naquela semana.

A partir daí, Carlos foi tendo mais turmas e ministra aulas até hoje. Ele confessa que já tentou trabalhar em outros lugares, como comissário de bordo, por exemplo, mas não conseguiu abandonar o mundo da dança.

O conhecimento que Carlos construiu durante anos dançando e o nome que fez dando aulas e participando de eventos, dá a ele segurança para enfrentar o mercado de trabalho. Ele contou que, por ser um profissional respeitado na área da dança, as pessoas o procuram e, confessa que a maneira como se expressa não implica em seu trabalho, pois as pessoas procuram profissionais bem qualificados.

⁵ Por motivos éticos optamos por usar codinomes.

⁶ Universidade Federal de Pelotas.

Deste modo, percebemos que Carlos entende que sua orientação sexual não influencia em sua profissão.

Um dos momentos mais marcantes na vida profissional de Carlos foi quando ele foi convidado para dar aulas na Alemanha. Ficou 25 dias no país dando aulas de dança de salão. Aproveitou, também, para fazer cursos e participar de congressos. Comentou que os contatos para as aulas que ministrou na Alemanha se deram através do *Facebook*. Neste site de relacionamentos ele costumava publicar muitas fotos e, além disso, alguns amigos o indicaram para a vaga.

Ser professor, para ele, representa a maior projeção profissional na área da dança, e demonstra satisfação em atuar neste mercado. Salaria que a dança de salão, por estar em destaque na mídia, em especial em programas televisivos, passou a ter maior procura do público. Em contrapartida, ele demonstra preocupação com os profissionais que estão no mercado dando aulas, pois contou que as pessoas fazem poucas aulas e já se consideram professores. Complementou, ainda, que este fato contribui para que o mercado da dança seja desvalorizado.

Do ponto de vista de Carlos, um dos desafios para o ingresso no mercado de trabalho da dança é a disponibilidade corporal e técnica necessária para dar aulas de dança jazz. Sua maior cobrança é em relação à boa flexibilidade. E diz que trabalha diariamente para aumentar esta capacidade física.

Outro desafio bastante presente na fala de Carlos é com relação à divulgação da dança. Acredita que, muitas vezes, esta atividade carece de mais recursos. Pensa que isso se deve às atribuições do mundo contemporâneo, que é repleto de atividades, o que acaba fazendo com que as pessoas não tenham tempo de dançar.

Atualmente, ele não pensa em abrir uma escola de dança. Prefere continuar dando aulas nas escolas de outros professores, pois acredita que há muitas preocupações para um empresário da dança, deixando claro que não gostaria de trabalhar na área de gestão.

Carlos considera que a dedicação foi elemento fundamental para seu sucesso profissional. Para o futuro, pretende fazer especializações na área da educação e da dança, viajar ministrando congressos nesta área e, quando não conseguir mais

dançar, ser professor universitário. Não descarta, ainda, a possibilidade de ser professor em escolas formais.

O mercado de trabalho para Taylor

Como principais experiências profissionais, Taylor cita sua primeira apresentação de dança no teatro, ainda em Pelotas e, depois, sua estreia na Companhia Quasar. Descreve, na entrevista, como aconteceu a audição para o ingresso na Companhia profissional, em que atuou. Conta que fez testes com muitos bailarinos conceituados da capital gaúcha e que a audição se realizou em Porto Alegre, porque a Quasar estava em turnê no sul do Brasil.

Na audição, disputou a vaga com bailarinos mais novos. Enquanto tinha 33 anos, havia bailarinos com idade entre 18 e 21 anos. Ele e outro bailarino foram pré-selecionados para a segunda etapa da audição, que teve duração de cinco horas. Neste momento, acabou se destacando na improvisação, o que fez ele se tornar o favorito.

Na Companhia, embora tenha sentido desconforto por ser o bailarino mais velho e por não ter um aprimoramento técnico em balé clássico, característica que todos os outros bailarinos apresentavam, após o espetáculo, colegas e plateia se surpreenderam com seu talento.

Entre as referências profissionais de Taylor, destaca Baryshnikov⁷, com quem se encantou depois de assistir atuando em um filme, e seu colega de Companhia Gleidson Vigne, que já admirava antes mesmo de ingressar na Quasar.

Taylor teve oportunidade de dar aulas na universidade, em Goiânia, para os cursos de teatro e musicoterapia. Chegou a pensar em seguir carreira acadêmica, mas acabou desistindo depois de perceber que gostaria de seguir outros caminhos profissionais, como atuar no mercado de ensino não formal da dança. Foi, então, trabalhar em um projeto de arte que contemplava as quatro manifestações artísticas: dança, música, teatro e artes visuais. Logo após, teve a oportunidade de começar uma nova história em Porto Alegre, criando seu próprio espaço de arte, onde está até hoje.

⁷ Mikhail Nikolaievich Baryshnikov é considerado um dos maiores bailarinos da história. Além de bailarino era coreógrafo e ator. Nasceu no dia 27 de janeiro de 1948, em Riga, Letônia.

Para isso, teve que pedir demissão da Companhia, o que foi muito difícil, pois Taylor tinha construído muitos vínculos de amizade.

Não atribui a orientação sexual às escolhas profissionais e contou que não acredita nesta relação, pois, se acreditasse, seria uma forma de discriminação. Taylor entende a orientação sexual como um fato pessoal e não opcional. E lembrou que há homossexuais em todas as profissões.

Outro fator importante de destacar é que Taylor, assim como Ted, demonstrou preocupação e interesse em tratar deste assunto. Tem um projeto social que atende crianças de diferentes condições econômicas. Um dos objetivos é ensinar e aprender a lidar com as diferenças. Completa dizendo que estas diferenças são mencionadas no convívio entre as crianças e que há um esforço em fazer com que elas entendam que são diferentes e que este fator é positivo. A partir daí, se trabalha o respeito e a valorização das diferenças.

Acredita que a maior projeção profissional está, justamente, no trabalho autoral, já que nele é possível ter uma estabilidade maior do que em trabalhos onde a projeção é momentânea.

Sobre a questão profissional, ele aponta que está satisfeito, pois as atividades que vem planejando em seu centro de arte estão sendo bem executadas, mas ao mesmo tempo se mostra descontente com a realidade do mercado da dança no Rio Grande do Sul, que em sua visão é tradicional e conservadora. Confessa, ainda, que viaja para São Paulo com a finalidade de se atualizar, trocar experiências e se aperfeiçoar.

Os maiores desafios para trabalhar com a dança na visão deste profissional estão atrelados ao mercado cultural e político do Estado e a formação de público. Taylor entende que o Estado tem mecanismos ultrapassados e que não funcionam para incentivar, discutir e projetar a cultura. Comenta, também, que tem trabalhado em políticas de formação de público, mas lembrou que não é uma tarefa fácil, necessita de muito trabalho. Complementa dizendo que há necessidade de repensar as políticas públicas para dança, ou seja, criar e desenvolver uma 'política consciente para a realidade do sul' do país e, principalmente, abrir o mercado da dança, que na visão dele é muito fechado.

Atualmente, diz que é preciso pensar o mercado de trabalho como um empreendedor, dando mais atenção aos investimentos, para melhorar seu espaço de trabalho e, assim, gerar mais renda. Conta que ainda vem aprendendo com a prática a administrar o seu próprio negócio.

A história de sua mãe foi fundamental para seu desenvolvimento profissional. Recorda que sempre se inspirou nela para alcançar seus objetivos. Disse que sua mãe é uma mulher batalhadora, ética e que trabalhou muito para sustentar a família, nunca deixando faltar nada para os filhos. A admiração pela mãe é tamanha que a homenageou transformando a história de vida dela em um espetáculo de dança.

Pela fala do entrevistado foi possível perceber, também, que se considera realizado profissionalmente, mas não perde de vista a busca por investimentos para qualificar o seu negócio. Seus planos para o futuro estão voltados para dar continuidade ao seu trabalho. Futuramente pretende ampliar seu espaço de arte, abrir uma ONG⁸ e construir o próprio teatro.

O mercado de trabalho para Ted

Ted confessou, na entrevista, que atualmente não está dançando, pois realiza muitas atividades, como as aulas na universidade que tem que ministrar e o doutorado que está em andamento. Mas pensa em voltar a dançar em breve. Contou que tem planos para montar um novo grupo de danças na universidade com a ajuda de mais dois professores.

Encontrou em suas pós-graduações exemplos de bons e maus professores e revelou que transfere essas experiências para a sua prática docente, sabendo, então, o que é mais adequado fazer para se ministrar uma boa aula e o que não pode ser feito.

Outra ressalva de Ted foi sobre a atual cobrança da universidade em relação às publicações acadêmicas. Ele contou que tem dificuldade em escrever artigos, mas que gosta desta lógica atual de produtividade, e ainda relata que, se fosse optar por

⁸ Organização Não Governamental.

outros cursos de graduação, elegeria jornalismo, publicidade, arquitetura, letras, biologia, história da arte ou artes visuais.

O momento mais marcante em sua trajetória profissional foi quando ingressou no mestrado. A partir daí, muitas portas se abriram para Ted, que começou a dar aulas em escolas e academias.

Outro momento significativo em sua trajetória profissional foi quando começou a lecionar na universidade. A primeira instituição foi a UnoChapecó⁹, ainda com o mestrado em andamento. Precisava encarar a estrada e foi um período bem difícil, mas se sentia realizado. Trabalhou nesta universidade por apenas um semestre, depois passou na seleção do IPA¹⁰ e se mudou para a capital. Esta experiência fez com que se sentisse independente. Confessa que tinha um bom salário e que sua família passou a reconhecer que havia conseguido se projetar profissionalmente na área da dança.

Hoje, a vida docente de Ted está estabilizada em Pelotas, cidade que pensou em morar, mas as questões pessoais fizeram com que ele mudasse de ideia. Ressalta que sua experiência em uma universidade federal está sendo muito agradável, pois veio de uma realidade de escola particular em que ministrava 40 horas semanais de sala de aula, o que era muito cansativo. Além disso, morar em Pelotas tem vantagens e desvantagens de uma cidade do interior. A qualidade de vida é maior, mas sente falta da vida cultural disponível na capital, pois há poucos espetáculos artísticos para assistir.

Como a graduação em Dança da UFPel é recente, Ted revela que os professores precisam pontuar mais para qualificar o curso, fazendo atividades de ensino, pesquisa e extensão. Trabalha em quatro projetos de extensão e ainda está desenvolvendo uma pesquisa.

Mostrou-se satisfeito no mercado de trabalho em que atua, confessou que fez vários concursos para universidades federais e que hoje está onde sempre sonhou trabalhar. Mas, pretende ainda escrever livros e estudar outras línguas, como libras,

⁹ Universidade Comunitária da Região de Chapecó

¹⁰ Centro Universitário Metodista – Instituto Porto Alegre

espanhol e falar fluentemente inglês. Como planos futuros, pensa em realizar um pós-doutorado no exterior e a fluência em outra língua daria este subsídio.

Atualmente, Ted ajuda financeiramente a família e sua sobrinha, que considera como filha, e as despesas do lar são divididas com seu companheiro.

A área que mais representa projeção profissional na dança, para ele, é a escola. Porém, comentou que este espaço é um dos mais difíceis de trabalhar porque muitos profissionais não querem atuar, preferindo os palcos. Ou seja, o que os profissionais da dança mais almejam é ser bailarino, atuando em grandes companhias.

Uma das dificuldades que Ted encontrou ao ingressar no mercado de trabalho se refere a não valorização da dança como área de conhecimento e as questões da homofobia, da sexualidade, do respeito às diferenças. Ele conta que sofreu preconceito por parte dos pais de seus alunos.

Além disso, deixa claro que o estudo é fundamental para o sucesso profissional. Valoriza, ainda, a importância de participar de congressos, comprar livros, assistir a espetáculos, conversar com outros profissionais, por mais que se domine uma área. Segundo Ted, esses atributos são indispensáveis para ser um bom professor.

No final da entrevista, enfatiza a importância de pesquisas que aprofundem as questões de gênero, pois, por lidar com corpos e sexualidades, estes estudos perpassam muitas áreas, como a educação física, que vem ganhando espaço de destaque.

O mercado de trabalho para Jack

Jack começou a trabalhar com a dança, profissionalmente, em 1994. Foi neste ano em que ele deu sua primeira aula. Em 1995 já era coreógrafo, participava de festivais de dança e já conquistava diversas premiações. Em 1996 começou a dirigir uma companhia de dança, onde, através dela, obteve reconhecimento estadual. Comentou que, nesta época, devido aos afazeres que estavam por trás da gestão de sua companhia, esteve um pouco afastado da família.

Relata, também, que sempre foi muito comprometido com o seu treinamento físico e com o treinamento dos bailarinos, e vincula isso às suas experiências

anteriores com o esporte. Jack ainda complementa dizendo acreditar que a dança é uma atividade física, um treinamento, e só passa a ser arte quando é apresentada.

Entre os momentos mais marcantes da trajetória profissional de Jack estão o prêmio Açorianos de Dança, conquistado logo após um ano como professor, e quando abriu sua escola, em 2002. Outro momento marcante foi quando o seu pai morreu. Ele comenta que este episódio não tem relação com a dança, mas, a partir daí, sua vida mudou. Hoje, espera ansioso pelo ano de 2014, quando sua companhia completará 18 anos de atividades. Ele já está preparando o espetáculo de comemoração.

Jack comenta que é muito difícil trabalhar na área da dança. Como bailarino é preciso dançar muito para conseguir se sustentar, mas ainda é o meio mais fácil. Como professor, é mais complexo, pois é preciso mostrar os alunos dançando, e isso demanda dinheiro. Salaria que, para ser coreógrafo, é mais complicado ainda, já que se depende do corpo de baile. Mas, ao destacar a questão do reconhecimento, ressalta que o primeiro a ser valorizado é o bailarino, depois o professor e, por último, o coreógrafo. Ou seja, a atividade considerada mais difícil de exercer é a menos reconhecida. Entretanto, embora ele acredite nesta lógica, Jack comenta que consegue inverter esta situação. Contou que trabalha para o seu público, logo, monta suas coreografias pensando em quem vai assisti-las. Este fato acaba projetando significativamente o coreógrafo.

Ao questionar sobre a satisfação com relação ao mercado profissional, na área da dança, demonstrou descontentamento. Disse que ainda está muito estagnado e que, para realizar um bom trabalho, precisa-se de muito dinheiro.

Para melhorar o mercado, sugere um grupo de dança profissional na cidade de Porto Alegre – onde atua. Inclusive cita várias cidades que já tem grupos profissionais, como São Paulo (São Paulo Companhia de Dança), e também no nosso Estado, como é o caso de São Leopoldo (Companhia Municipal de Dança de São Leopoldo), de Caxias do Sul (Companhia Municipal de Dança de Caxias do Sul) e de Pelotas (Companhia da Performance).

Outro fator que preocupa Jack é a questão da qualidade dos trabalhos oferecidos na área da dança. Comenta que no hip hop, por exemplo, é muito fácil

começar a ministrar aulas. Mas questiona quem está ministrando estas aulas e qual a qualidade delas. Por outro lado, este acontecimento acaba sendo mais difícil na dança jazz e no balé clássico, devido à técnica específica que estas duas modalidades exigem.

Outro fato que descreveu no momento da entrevista foi referente ao preconceito. Uma advogada, conversando com alguns de seus alunos, o chamou de “borboleta¹¹”, um deles escutou e contou para Jack, que entrou com um processo contra a profissional.

Quanto a funções que exerce dentro da profissão relatou que é “um faz tudo”: professor, coreógrafo, auxiliar de limpeza, figurinista, ensaiador, sonoplasta, iluminador e às vezes bailarino.

Jack não se imagina exercendo outra função dentro da educação física a não ser a dança. Quando questionado se algum dia pensa em parar de dançar, confessou que pensa apenas em trocar de estilo. Mudar do balé e jazz para a dança de salão. Gosta muito deste estilo, porém, atualmente não tem tempo para se dedicar à modalidade.

Mesmo que trabalhe com a dança há anos, não considera dançar, ou seja, estar no palco como bailarino, um trabalho. Contou que são coisas diferentes, que gosta de dançar, de estar no palco. Também reconhece que o curso de educação física contribuiu para a didática de suas aulas.

Quanto ao fator que considera fundamental para o seu desenvolvimento profissional, destaca a educação, o foco e a persistência. Considera-se realizado, profissionalmente, mas conta que sonha em ter seu próprio teatro, o que o deixaria ainda mais realizado.

Quanto à dança, pretende continuar trabalhando em seu espaço, ampliá-lo e englobar outras artes.

Lembra que, na Companhia, hoje, cada um tem a sua vida profissional fora da dança, mas que todos gostam de dançar. Embora não seja uma companhia

¹¹ Borboleta, assim com o arco-íris, compõe um dos símbolos do Orgulho LGBT. Porém, no contexto referido a palavra foi usada de forma pejorativa, afirmando o preconceito.

remunerada, sonha em um dia poder pagar seus bailarinos. Ele tem Deborah Colker¹² como referência, pois ela também é formada em educação física e desenvolve um trabalho conceituado na área.

Carreiras em cena: apontamentos em comum nas trajetórias profissionais

Vários foram os apontamentos citados pelos entrevistados sobre as dificuldades de se trabalhar com a dança. Uma questão específica chamou atenção: Jack e Taylor convergem sobre a análise das políticas públicas para a dança no Estado. Lembram-se das dificuldades de se trabalhar com dança no Rio Grande do Sul. Na avaliação dos profissionais, há pouco incentivo público e, quando há, geralmente atende a pessoas de um núcleo predeterminado.

Outro fator relevante para esta pesquisa foi relatado por Ted. Uma das dificuldades que ele encontrou ao ingressar no mercado de trabalho se refere a não valorização da dança por algumas áreas, além do preconceito referente à sua sexualidade.

“Primeiro é o respeito das outras áreas. ‘Dança é conteúdo? Vale nota? Tem Xerox? Tem polígrafo?’ Então, o primeiro preconceito da profissão, enquanto área social do conhecimento, que vale menos que a matemática e que o basquete na ESEF¹³. E do pessoal. Tu é gay, tu é lésbica, tu é promíscuo, tu é vagabundo, tu é sem vergonha. Então, vale menos. Ou, ainda, vai contaminar meu filho. O professor é gay, meu filho vai ser gay” (TED).

As questões da sexualidade, do respeito às diferenças e do preconceito são fatores que realmente preocupam Ted no mercado de trabalho.

Outro desses acontecimentos foi relatado por Jack. Ele conta que uma advogada, conversando com alguns de seus alunos, o chamou de “borboleta”. Referente a este acontecimento, Baumgardt (2009) lembra a importância das denúncias a respeito dessa e de outras formas de preconceito, para que o Ministério Público do Trabalho possa apurar tais fatos e punir os responsáveis. Contudo, a autora

¹² Iniciou seus trabalhos em 1993, na Companhia de Dança Deborah Colker e em 1995 conquistou o patrocínio da Petrobras, o que possibilitou se firmar no panorama da dança mundial. Nesse espaço de tempo, a Companhia se apresentou na Alemanha, Argentina, Áustria, Canadá, Chile, Cingapura, Colômbia, Escócia, Estados Unidos, França, Holanda, Hong Kong, Inglaterra, Irlanda, Japão, Macau, México, Nova Zelândia, País de Gales, Paraguai, Portugal e Uruguai, conquistando vários prêmios (disponível em <<http://www.ciadeborahcolker.com.br>>).

¹³ Escola Superior de Educação Física

ainda ressalta que muitos trabalhadores não procuram seus direitos por falta de informação ou conhecimento, ou em muitos casos, por desacreditar na justiça brasileira.

Desta forma, percebemos que em ambos os espaços, formais e não formais, o preconceito ainda está presente. De acordo com Baumgardt (2009), nossa cultura sempre importunou muito os trabalhadores homossexuais, sendo vários são os preconceitos enfrentados por eles no mercado de trabalho. Humilhação, aborrecimentos, insinuações e até mesmo agressões físicas são as principais consequências.

Já Carlos e Jack demonstraram preocupação com quem está no mercado da dança ministrando aulas. Eles lembram que muitos não têm formação necessária para lecionar.

“A dança mexe muito com o ego das pessoas. As pessoas fazem seis meses de aulas e se consideram professores. Isso faz nosso mercado de trabalho cair” (CARLOS).

Para Vargas (2007), o corpo do bailarino tem que ser construído, trabalhado e preparado por meio de diferentes experiências, técnicas e práticas de movimento. Isso demanda tempo e só é possível se houver professores e professoras devidamente preparados para dirigir os alunos. Segundo Terra (2010), os estudantes de dança que passam por escolas, estúdios e academias percorrem um caminho de ensino não sistematizado (referindo-se a uma estrutura curricular) ou sistematizado por métodos de formação específica em uma técnica. Muitas vezes, os profissionais que atuam no mercado são oriundos desta formação.

Nessa esfera estamos diante de uma grande problemática: a validação desse processo acontece por meio dos sindicatos, os quais, sem estabelecer relações de parceria com as demais instituições e centros de referência de formação e sem diretrizes ou parâmetros norteadores não se encontram preparados para avaliar habilidades, atitudes e competências requeridas aos diferentes artistas da dança. (TERRA, 2010, p. 73).

Os professores investigados por Folle e Nascimento (2010, p. 520) demonstraram que “após a aposentadoria pretendem desenvolver atividades profissionais diversificadas, não retomando à docência no ambiente escolar”. Nos professores de dança, aqui entrevistados, o desejo é oposto. Eles não se imaginam

afastados do mercado de trabalho em que atuam e buscam estratégias para poder continuar dançando.

“Hoje eu só danço balé e jazz. Pode ser que eu passe para a dança de salão, que eu acho tri bom, mas atualmente não danço porque me falta tempo” (JACK).

“Todo mundo tem a suas limitações, se bem que a dança de salão me possibilita continuar, porque um professor de jazz ou balé não tem a mesma desenvoltura que um aluno de 15, 16 anos. Já um professor de dança de salão pode continuar dançando em palcos e dando aulas perfeitamente, sem problema algum”. (CARLOS)

Como percebemos com os relatos de Carlos e Jack, quando eles não puderem mais dançar jazz e balé, pretendem migrar para dança de salão, “já que a carreira de uma pessoa executante [da dança] é de vida curta, porque seu instrumento, o corpo, envelhece e já não pode fazer frente a exigências físicas rigorosas” (HANNA, 1999, p. 182).

Além disso, identificamos nas falas dos entrevistados que eles consideram a dança como uma atividade muito prazerosa.

“A dança para mim é tudo, é um conjunto de educação, uma série de momentos que tu absorves e servem para tua vida. E depois vem a coisa da diversão, essa coisa gostosa de produzir arte, de ir para o palco, de ser aplaudido, de ver o olho das pessoas com emoção” (JACK).

Jack, Taylor e Carlos ainda relataram que, quando dançam, não consideram “um trabalho”. Contudo, é importante lembrar que o ambiente de estudo da pesquisa de Folle e Nascimento (2010) foi o espaço escolar e que o desta pesquisa acontece, em sua maioria, em espaços não formais. Este fato pode influenciar muito, pois os espaços formais são repletos de normas e conteúdos a serem vencidos. Já, com os professores de espaços não formais, isso acontece de forma mais sutil.

Também precisamos destacar que os entrevistados trabalham diretamente com a execução da dança, seja como intérpretes ou coreógrafos, e Hanna (1999) lembra que há outro fator importante que pode influenciar para que estes profissionais queiram continuar atuando no mercado de trabalho não formal. Ela indica que “a execução da dança oferece emprego mais sazonal do que de tempo integral e aceita pessoas com estilos de vida alternativos, que lidam com suas diferenças, inclusive a homossexualidade, através do meio artístico” (p.182).

O fato explicitado por Hanna pode nos fazer entender as preferências relatadas por nossos entrevistados. Carlos posicionou-se pela preferência em espaços não formais. Taylor e Jack atuam e pretendem continuar atuando nesses espaços. E Ted, que atua em um espaço formal – a universidade –, em algum momento de sua fala diz que ser professor de espaços formais é a maior projeção profissional, porém, faz uma ressalva afirmando que a maior parte das pessoas que trabalha com dança não quer os espaços escolares. Deste modo, deixa explícita uma contradição. Embora acredite nos espaços formais, entende que seus colegas de profissão preferem atuar em outros espaços.

Considerações finais

Os relatos dos entrevistados demonstraram como os professores de dança, atualmente assumidos como homossexuais e formados no curso de educação física, analisam suas experiências como professores e bailarinos no mercado de trabalho.

É importante destacar que não tivemos como objetivo discutir as questões de gênero. Para esta temática, posteriormente serão realizados outros trabalhos.

Por meio desta pesquisa, encontramos artistas que conseguiram vencer as barreiras do preconceito. Estes profissionais atuam no mercado de trabalho e demonstraram estar realizados profissionalmente. Parte desta realização pode estar vinculada as suas formações, pois todos tiveram uma formação diferenciada, unindo o ensino formal (universidade) e o não formal (escolas, clubes, estúdios de dança).

Sugerimos que outros estudos sejam realizados envolvendo a dança e o mercado de trabalho, visto que há poucas pesquisas que tratam da relação entre essas duas temáticas. Além disso, refletir e problematizar questões sobre este assunto abrange e pode interessar a todos profissionais da área.

Referências

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. *Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BAUMGARDT, Daiana. Os homossexuais e o preconceito no mercado de trabalho frente aos princípios constitucionais. *Revista Jus Vigilantibus*. Agosto de 2009. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/41479/1>> Acessado em: 10/01/2013.

Brasileiro. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-norma-actualizada-pl.pdf>> Acessado em: 05/06/2012

_____. *Lei Nº 6.533/78* de 24 de maio de 1978. Regulamentação de Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões. Disponível em: <http://www.mnemocine.art.br/index.php?view=article&catid=54%3Alegislacao-cinema&id=124%3Alei653378&format=pdf&option=com_content&Itemid=67> Acesso em: 05/06/2012.

_____. *Classificação Brasileira de Ocupações*. Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>> Acesso em: 05/06/2012.

_____. *Lei nº 9.394* de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Presidência da República. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 05/06/2012.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOLLE, Alexandra. NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Trajetória docente em educação física: percursos formativos e profissionais. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.24, n.4, out./dez. 2010.

GATTAZ, André Catanheira. Lapidando a fala bruta: a textualização em História Oral. In: MEIHY, J.C.S.B. (org.). *(Re)definindo a História Oral no Brasil*. São Paulo, Ed. Xamã, 1996.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HANNA, Judith Lynne. *Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafio e desejo*. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MONIQUE, Carla Silveira. Percepção da abrangência do mercado de trabalho da profissão dança. In: GARCIA, Ângela (Org.). *Dança: caminhos, reflexões e descobertas*. Canoas. Ed. ULBRA, 2011.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. *Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança*. Campinas, SP: Papirus, 2007. Coleção Ágere.

TERRA, Ana. Onde se produz o artista da dança? In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana. *Seminários de Dança: Algumas perguntas sobre dança educação*. Joinville: Nova Letra, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo. Editora Atlas, 2007.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado de. *Escola em dança: movimento, expressão e arte*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

YIN, Robert. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.